

## Em busca de uma perspectiva sem ruídos visuais

Frequentemente não reparamos em muito do que nos rodeia. Porque é desse modo condicionado que percebemos o mundo à nossa volta. Selecionamos apenas o que nos interessa ver e não registamos tudo o resto que, mesmo existindo não existe, pelo menos para nós.

Confuso? Nem tanto... Por exemplo, é natural que um indivíduo que conduza um automóvel ligeiro não se aperceba da quantidade de automóveis pesados que consigo coexistem nas estradas. Desviamos-nos todos os dias de um qualquer obstáculo sem nunca repararmos sobre a sua forma, o seu porquê ou o seu sentido e sem sequer nos questionarmos porque será que ninguém eliminou tal obstáculo. Passamos pela mesma rua, vezes sem conta, anos e anos seguidos, para num dia, de repente, fazermos a feliz descoberta de um edifício magnífico, de um aspecto formal que nos agrada, ou melhor ainda, descobriremos algo que, apesar de sempre ter estado ali, não conseguimos sequer recordar a sua existência.

Habitamo-nos a “desligar” mentalmente informações ou estímulos que habitam o nosso campo visual, para nos concentrarmos apenas no essencial, seja um pensamento, sejam as pessoas com que nos cruzamos, um objectivo, o trabalho ou uma tarefa a executar. Cada um, à sua maneira e em níveis diferentes, vive numa espécie de auto-hipnose ligeira provocada pela rotina diária das nossas vidas e que, em regra geral, destrói a nossa capacidade crítica. Vivemos apaticamente sem realmente captarmos a essência daquilo que nos rodeia. Penso que também foi essa a mensagem na obra de José Saramago, o “Ensaio sobre a Cegueira” ou numa vertente mais teórica, em “A Anestésica da Arquitectura” de Neil Leach.

Um professor, em tempos, começou uma aula com a seguinte frase: “Hoje vou apresentar-vos a vossa cidade”. Pensei, “ que idiotice!”. No entanto, após 1 hora de alegre passeata pela cidade apercebi-me que não a conhecia tão bem quanto julgava conhecer. Aquela chamada de atenção fez com que deixasse de viver superficialmente a cidade e passasse a observá-la. Isto é, ser um espectador atento à sua metamorfose, aos seus avanços e retrocessos, às suas novas funções e especializações. Enfim, ao seu crescimento.

Recentemente discutia com um amigo sobre qual a melhor forma de “retocar” uma fotografia. A sua fotografia “àquela paisagem”, a “tal”, estava maculada por um cabo eléctrico. De tal forma impositivo que trespassava todo o horizonte e num ápice pregou-o à realidade e recordou-lhe que já não existiam paisagens imaculadas, que o homem não tivesse transformado de forma tão marcante.

Dias depois, em trabalho e já de volta a casa, pela serra, apercebi-me de uma dura verdade. Após contemplar a paisagem, centrei-me nos seus detalhes e, como se de filtros se tratasse, passei a observar as habitações dispersas, as estradas e caminhos, o arvoredo e a vegetação,

as redes telefónicas e eléctricas, etc.... De repente surgiram de todos os lados, milhares de metros de cabos eléctricos, suspensos sobre dezenas, senão centenas de postes dos mais variados tipos e formas. Percepcionei que, quer sobre os campos, as hortas e os vales também pairavam centenas de metros de cabos telefónicos e mais e mais postes a suportar as tão necessárias redes que alimentam o nosso estilo de vida.

É incontestável o facto de já não sabermos, nem podermos, tal é o nosso grau de dependência, viver sem toda a parafernália de equipamentos tecnológicos que povoam as nossas vidas.

É um facto que cada construção possui uma enorme quantidade de redes dos mais variados tipos, sejam elas, eléctricas, de comunicações, de TV, detecção de incêndios, alarme, ventilação, abastecimento de águas, esgotos, domótica, etc., etc., etc. e conseqüentemente outras são necessárias no exterior para lhes dar continuidade ou alimentar. Porém, na maior parte dos casos, as referidas redes, estão escondidas ou disfarçadas dentro das paredes, sob o pavimento, sobre o tecto falso, etc. No espaço público urbano tal não acontece. Numa época em que, cada vez mais, se frisa a importância da vivência no espaço público e da forma como a qualidade desse espaço público influi directamente na nossa saúde física e mental, é desconcertante verificar que tão pouca importância lhe é realmente afectada.

De regresso a Faro, propus-me verificar se essas redes também nos eram impostas daquela maneira violenta que vi na serra. Bastou desviar o olhar um pouco para cima e lá estavam os ditos cabos, das necessárias redes, a serem ostentados na urbe como se da maior importância fossem, suspensos sobre as nossas cabeças, presos de fachada a fachada, continuamente agarrados às fachadas das nossas casas, a todo o comprimento das mesmas, a percorrerem ruas e avenidas. Nesse dia, quando me deslocava daqui para ali, fui reparando em tudo o que mencionei e findei o dia a apreciar um magistral pôr-do-sol, sentado numa esplanada na Ilha de Faro. Desligado o “filtro da contemplação da natureza” e começando a notar os detalhes, lá estavam com mais presença que nunca, os infames postes das mais variadas formas e feitios, quais falos apontados ao céu, a segurarem uns singelos cabinhos e a povoarem toda a paisagem em redor. Uma autêntica praga!

Há casos em que nos podemos referenciar e que ilustram como uma cidade se consegue libertar desse ruído visual, que deforma o modo como percebemos o espaço público que nos rodeia. Um desses casos, que bem conheço, é a cidade do Porto. Gostava de reforçar que me refiro à cidade propriamente dita, pois nos arredores infelizmente grassa a mesma mentalidade. Apenas como exemplo, no Porto não é possível ter TV por cabo a menos que essa rede alimente o edifício pelo subsolo. Caso a rede não exista no subsolo, longe dos olhares, apenas se pode optar por duas coisas que são, ou não ter TV por cabo ou tê-la por satélite, simplesmente porque estão proibidas redes aéreas na cidade.

Gostava de o convidar a fazer o seguinte exercício: a cada lugar que for e que possa despende 30 segundos, pare e tente observar todos estes aspectos que referi. Por certo ficará surpreendido.

Também não posso terminar sem fazer um apelo e um desafio àqueles que têm responsabilidades na criação do nosso espaço público.

O apelo vem no sentido de, quando se desenharem as cidades, as ruas, se planearem os alçados, os passeios, a arborização, etc. não esquecer de pensar também as redes. Se é

possível não sermos obrigados à convivência com a ostentação das mesmas, no interior das nossas casas, certamente será possível transpor esses princípios para o espaço público das cidades que habitamos.

O desafio é, para que seja repensada, toda a infra-estrutura da cidade e da Ilha de Faro, actualmente infestada das ditas redes urbanas, de modo a torná-las invisíveis. O desafio é que, de futuro e aproveitando o facto do PDM de Faro estar em revisão, não mais seja permitido alimentar um edifício por uma qualquer rede aérea e, ao mesmo tempo, se convertam todas as redes aéreas existentes em redes subterrâneas.

Entretanto nesse esforço de conversão seria interessante haver uma concertação entre a autarquia e as várias entidades envolvidas nesse processo, para que, ao mesmo tempo, se requalificasse ou redimensionasse o espaço público da cidade, nomeadamente a forma dos passeios em termos de largura de vias, acessibilidades, enfim uma intervenção à escala global da cidade, no sentido de uma melhoria constante em termos de ambiente urbano.

Miguel Caetano